

UE-MERCOSUL

Alckmin celebra pacto

Vice-presidente espera que acordo comercial a ser assinado amanhã entre em vigor no segundo semestre

» FERNANDA STRICKLAND

O vice-presidente da República e ministro do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços (MDIC), Geraldo Alckmin, comemorou a conclusão do acordo comercial entre o Mercosul e a União Europeia e manifestou expectativa de que o Congresso Nacional aprove o projeto de lei de ratificação ainda no primeiro semestre deste ano. A meta do governo é permitir que as novas regras entrem em vigor no segundo semestre.

O acordo será formalmente assinado amanhã, no Paraguai, que tem a presidência rotativa do Mercosul. O vice-presidente destacou o papel do presidente Luiz Inácio Lula da Silva nas negociações, afirmando que ele "foi quem fez todo o trabalho" para viabilizar o entendimento entre os blocos, embora o desfecho não tenha ocorrido durante a presidência brasileira do bloco. "Assim que for assinado, o Parlamento Europeu aprova sua lei, e nós aprovamos a lei internalizando o acordo. Esperamos que aprovem ainda no primeiro semestre e que entre em vigor já no segundo semestre", afirmou Alckmin, ontem, em entrevista ao programa Bom dia, ministro, da Empresa Brasileira de Comunicação (EBC).

Hoje, o presidente Lula tem encontro marcado com a presidente da Comissão Europeia, Ursula von der Leyen, no Rio de Janeiro. Ele não viaja ao país vizinho para a assinatura. O ministro das Relações Exteriores, Mauro Vieira, vai representá-lo na cerimônia em Assunção.

Alckmin ressaltou que o pacto é o maior acordo comercial já firmado entre os dois blocos. "São 720 milhões de pessoas, US\$ 22 trilhões de mercado. São cinco países do Mercosul e 27 países da União Europeia. Isso significa comércio. Vamos vender mais para eles. Vai ter livre-comércio, mas com regras. Vamos comprar mais deles também."

Para o vice-presidente, os principais beneficiários do acordo serão os consumidores e a economia

Rafa Neddermeyer/Agência Brasil



O vice-presidente Geraldo Alckmin avalia que o acordo UE-Mercosul trará ganhos para a sociedade e a economia de forma geral

como um todo. "Quem ganha é a sociedade. Se sou mais eficiente em um produto, vendo para você. Se você é mais eficiente em outro produto, você vende para mim. Ganha a sociedade comprando produtos mais baratos e de melhor qualidade", argumentou. Ele também ressaltou os impactos positivos sobre diferentes setores produtivos, afirmando que o entendimento deve impulsionar o agronegócio, a indústria e os serviços. "O comércio exterior hoje é emprego na veia. Se determinadas empresas não exportarem, elas fecham."

Ele destacou o valor simbólico do pacto no cenário internacional. "O acordo é um exemplo para o mundo em um momento de instabilidade política, de geopolítica com guerra em vários lugares, de protecionismo exacerbado. É um exemplo de que é possível, através do diálogo e da negociação, fortalecer o multilateralismo e ter o livre-comércio", frisou.

Efeitos do Irã

Alckmin minimizou os possíveis efeitos para o Brasil do anúncio feito pelo presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, sobre a aplicação de tarifas de 25% a países que mantêm relações comerciais com o Irã. Segundo ele, mesmo que a medida venha a ser formalizada, o impacto sobre a economia brasileira tende a ser limitado, devido ao baixo volume de comércio bilateral.

O anúncio foi divulgado na segunda-feira, mas ainda não se transformou em decisão oficial do governo norte-americano. De acordo com o vice-presidente, o Irã ocupa uma posição marginal na pauta de comércio exterior do Brasil e, além disso, a balança comercial é amplamente favorável do lado brasileiro. "O Irã é um pequeno participante do comércio exterior brasileiro. Ele está lá no fim da fila, não tem muita relevância. Aliás, somos grandes exportadores, vendemos mais do que compramos deles", disse.

O comércio bilateral entre Brasil e Irã, 31º destino das exportações brasileiras, somou US\$ 3 bilhões, em 2025, com saldo positivo na balança para o Brasil em US\$ 2,8 bilhões.

O ministro também demonstrou ceticismo quanto à viabilidade de prática da medida anunciada por Trump. Para ele, a abrangência da iniciativa poderia atingir dezenas de nações, incluindo parceiros europeus dos Estados Unidos. "Não vejo relação [sobre as negociações do tarifário] e acho que a questão da 'superarifação' é difícil de ser aplicada porque você teria de aplicar em mais de 70 países do mundo, inclusive países europeus", observou o ministro. Ele afirmou ainda que o governo brasileiro aguarda a eventual publicação de uma Ordem Executiva por parte dos EUA para avaliar, de forma mais precisa, os desdobramentos e a necessidade de adoção de medidas.

IBGE

Varejo surpreende com alta de 1% em novembro

» PEDRO JOSÉ*

O comércio varejista registrou crescimento de 1% no volume de vendas, em novembro de 2025, na comparação com outubro, mantendo trajetória positiva iniciada no mês anterior, quando o setor avançou 0,5%. Os dados constam da Pesquisa Mensal de Comércio (PMC), divulgada ontem, pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e, além de surpreenderem, consolidam novembro como um mês de antecipação do consumo devido à Black Friday.

Na avaliação do economista Luccas Saqueto, da GO Associações, o desempenho do varejo em novembro indica resiliência da atividade, mas não altera o quadro de desaceleração gradual do setor. Segundo ele, "o resultado de novembro veio acima das expectativas de mercado e demonstra bastante resiliência da economia brasileira, que apesar da taxa básica de juros (Selic) em 15% ao ano tem resistido a uma queda maior da atividade".

As influências do calendário promocional também ajudam a explicar a diferença entre as projeções de mercado e o resultado efetivo. Saqueto afirma que a Black Friday alterou o padrão sazonal do varejo brasileiro nos últimos anos, ao antecipar parte do consumo para novembro. "Isso não significa que o ajuste sazonal esteja errado, mas que ele fica mais difícil de estimar e mais sujeito a revisões quando a sazonalidade está mudando", disse.

Conforme os dados do IBGE, o índice de média móvel trimestral do varejo alcançou alta de 0,5%, no trimestre encerrado em novembro, sinalizando uma recuperação mais consistente após meses de oscilação. Segundo Cristiano Santos, tratase do segundo mês consecutivo de avanço acima da faixa considerada de estabilidade, algo que não ocorria desde o início do ano. O varejo ampliado, que inclui veículos, motos e material de construção, apresentou crescimento de 0,7% em novembro, que devolveu a forte alta de outubro desse segmento. (Colaborou Fernanda Strickland)

móveis e eletrodomésticos, típicos das promoções de itens como celulares, computadores, móveis, entre outros", explicou.

O avanço de novembro foi disseminado entre as atividades do varejo, de acordo com os dados do IBGE. Sete dos oito segmentos pesquisados apresentaram crescimento no período, com destaque para equipamentos e material para escritório, informática e comunicação, que subiram 4,1%; e móveis e eletrodomésticos, com alta de 2,3%. Também tiveram desempenho positivo os setores de artigos farmacêuticos, com alta de 2,2%; outros artigos de uso pessoal e doméstico (2%); livros, jornais, revistas e papelaria (1,5%), hiper e supermercados (1%); e combustíveis e lubrificantes (0,6%). A única retração foi registrada no segmento de tecidos, vestuário e calçados, que recuou 0,8% na comparação com o mês anterior.

Saqueto acreditou que essa dinâmica é positiva, mas reforçou que "isso pode ocorrer em meses promocionais, como novembro, que teve a Black Friday, sem necessariamente significar uma melhora mais constante da atividade".

Conforme os dados do IBGE, o índice de média móvel trimestral do varejo alcançou alta de 0,5%, no trimestre encerrado em novembro, sinalizando uma recuperação mais consistente após meses de oscilação. Segundo Cristiano Santos, tratase do segundo mês consecutivo de avanço acima da faixa considerada de estabilidade, algo que não ocorria desde o início do ano. O varejo ampliado, que inclui veículos, motos e material de construção, apresentou crescimento de 0,7% em novembro, que devolveu a forte alta de outubro desse segmento. (Colaborou Fernanda Strickland)

*Estagiário sob a supervisão de Rosana Hessel



Black Friday ajuda a consolidar as compras no comércio no penúltimo mês do ano

Safra de grãos deve recuar 1,8%

A safra brasileira de grãos de 2025 alcançou 346,1 milhões de toneladas e estabeleceu um novo recorde na série histórica iniciada em 1975, segundo o Levantamento Sistemático da Produção Agrícola, divulgado ontem, pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Em relação a 2024, a produção cresceu 18,2%. Mas, para 2026, o IBGE estima uma colheita de 339,8 milhões de toneladas, o que representa queda de 1,8%, ou 6,3 milhões de toneladas, frente ao resultado de 2025.

A produção da soja somou 166,1 milhões de toneladas, e a do milho chegou a 141,7 milhões.

O algodão alcançou 9,9 milhões de toneladas; o sorgo, 5,4 milhões; e o café do tipo canephora, 1,3 milhão. Esses desempenhos contribuíram para que a produção nacional de grãos mais do que dobrasse em 13 anos, passando de 162 milhões de toneladas, em 2012, para os atuais 346,1 milhões, no ano passado.

A área colhida em 2025 foi estimada em 81,6 milhões de hectares, avanço de 3,2% em comparação com 2024. Apesar do avanço, o crescimento da área foi inferior ao da produção ao longo da última década, indicando ganhos de produtividade no campo.

Regionalmente, o Centro-Oeste concentrou 51,6% da produção nacional em 2025, com 178,7 milhões de toneladas. O Sul respondeu por 24,9% do total, seguido pelo Sudeste, Nordeste e Norte, todos com participações inferiores a 10%. Mato Grosso se manteve como o maior produtor de grãos do país, com 32,0% da safra nacional. Na avaliação de Carlos Alfredo Guedes, gerente de Agricultura do IBGE, "os ganhos de produtividade das lavouras são frutos de anos de trabalho de pesquisa de instituições como a Embrapa, que desenvolveu variedades adaptadas aos diversos biomas brasileiros. (PJ)

AUTOMÓVEIS

Venda de carros cresce 2,1% em 2025

O mercado automotivo brasileiro encerrou 2025 com crescimento moderado, aquém das projeções iniciais da indústria. Conforme dados da Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotivos (Anfavea) divulgados ontem, as vendas de automóveis no mercado interno somaram 2,69 milhões de unidades no ano, alta de 2,1% em relação a 2024, e ainda distante do patamar registrado antes da pandemia.

De acordo com a entidade, o resultado reflete um ambiente econômico mais restritivo, marcado por juros altos, carga tributária elevada e sinais de desaceleração da atividade. Esses fatores limitaram uma recuperação mais robusta do setor ao longo do ano.

A produção nacional também apresentou crescimento contido. Em 2025, as montadoras fabricaram 2,6 milhões de veículos, avanço de 3,5% na comparação anual. O desempenho foi puxado principalmente pelos veículos leves, cuja produção cresceu 4,5%, enquanto o segmento de pesados registrou retração próxima de 10%. Mesmo com esse ritmo, o Brasil manteve a oitava posição no ranking global de fabricantes de veículos, segundo a Anfavea. Para este ano, a entidade projeta crescimento de 3,7% na produção.

No recorte mensal, a produção apresentou desaceleração no fim do ano. Após alcançar 219,1 mil unidades em novembro, o volume caiu para 184 mil em dezembro, movimento considerado sazonal pela entidade, em razão do menor número de dias úteis no último mês do ano.

As exportações foram um dos principais destaques positivos de 2025. O Brasil embarcou 528,8 mil veículos ao exterior, crescimento expressivo de 32,1% em relação ao ano anterior. A Argentina permaneceu como principal destino, impulsionada pela recuperação econômica ao longo do ano, enquanto as vendas para a Colômbia avançaram 85%, segundo a Anfavea.

Eletrificados

Outro segmento que ganhou relevância foi o de veículos eletrificados. As vendas superaram 260 mil unidades em 2025, alta de 60%, elevando a participação desses modelos para 14,9% do mercado de veículos novos no país. Apesar de dezembro, os híbridos plug-in registraram cerca de 5 mil unidades vendidas, sinalizando a aceleração do processo de eletrificação da frota brasileira.

Apesar do avanço dos eletrificados, nem todos os segmentos acompanharam o mesmo ritmo. O mercado de caminhões apresentou retração significativa, com queda de até 20,5% nas vendas de modelos pesados. No varejo, as vendas totais recuaram 7%, enquanto o canal de locadoras registrou diminuição de 3,8%. Em contrapartida, os veículos híbridos tiveram crescimento de 60,8% no acumulado do ano.

Mesmo com o aumento das tarifas de importação, o volume de veículos trazidos do exterior continuou em alta. Em 2025, o Brasil importou 498 mil unidades, com destaque para os modelos de origem chinesa, que responderam por 37% do total. "As importações vindas da China atingiram um patamar recorde", afirmou Igor Calvet, presidente da Anfavea, ressaltando a tendência de crescimento contínuo desde 2022. (FS)



As importações vindas da China atingiram um patamar recorde

Igor Calvet, presidente da Anfavea